Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

A Formação Sócio-Espacial (FSE) Do Sul Do Brasil e a Gênese Da Indústria De Móveis

Bruno Saggiorato[1]

Resumo

O texto em tela trata-se de alguns resultados parciais da pesquisa de doutorado que investiga a dinâmica geoeconômica do setor moveleiro no Sul do Brasil. Nesse texto, objetiva-se identificar os principais elementos que explicam a gênese desse setor na região, levando em consideração sua Formação Sócio-Espacial (FSE). Dessa forma, procura-se responder a seguinte problemática: quais são os principais fatores que fizeram surgir a indústria de móveis no Sul do país?. Para apresentar uma resposta, optou-se pelo uso da categoria Formação econômico-social (FES) como norte teórico e o método da pesquisa foi o de caráter exploratório-explicativo. Por sua vez, a metodologia referiu-se a revisão bibliográfica e coleta de dados. Dentre os resultados obtidos, destacam-se: a gênese do setor moveleiro na região esteve diretamente relacionada a fatores de ordem natural, como a abundância de madeiras propícias à produção e fatores sociais, como o papel da imigração europeia no Sul.

Palavras-chave: Indústria moveleira; Desenvolvimento Regional; Formação Social.

The Socio-Spatial Formation (SSF) of Southern Brazil and the Genesis of the Furniture Industry

[1] Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (USFC), Florianópolis-SC, Brasil. E-mail de contato: saggiorato38@gmail.com.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Abstract
This text is about some partial results of doctoral research investigating the geo-economic dynamics of the furniture sector in southern Brazil. The aim is to identify the main elements that explain the genesis of this sector in the region, taking into account its Socio-Spatial Formation (SSF). The aim is to answer the following question: what are the main factors that led to the emergence of the furniture industry in southern Brazil? In order to provide an answer, we opted to use the Economic-Social Formation (ESF) category as a theoretical guide and the research method was exploratory-explanatory. The methodology involved a literature review and data collection. Among the results obtained, the following stand out: the genesis of the furniture sector in the region was directly related to natural factors, such as the abundance of wood suitable for production, and social factors, such as the role of European immigration in the South.

Keywords: Furniture industry; Regional development; Social formation.

1 Introdução

Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado que investiga a dinâmica geoeconômica da indústria de móveis no Sul do Brasil, sobretudo pós anos 1990, período que o setor passou por transformações significativas em decorrência da abertura comercial, do processo de terceirização e da absorção de inovações tecnológicas incrementais. Entretanto, aqui nesse texto, procuramos discutir os condicionantes da gênese do setor na região Sul, que julgamos central para compreender as dinâmicas atuais.

Para atingir o objetivo, a metodologia consistiu numa revisão bibliográfica sobre a temática. Optou-se pelo método de pesquisa exploratório-explicativo, segundo Gil (2008, pp. 27-28), as pesquisas exploratórias [...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso", já as

explicativas "[...] têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos".

Quanto às questões do método científico, usou-se a categoria de Formação Sócio-Espacial (FSE) - elaborada pelo Geógrafo Milton Santos - como norte principal da pesquisa, uma categoria de cunho marxista, e que portanto insere-se nos princípios do materialismo histórico, que por sua vez "[...] fundamenta-se no método dialético e suas bases foram também definidas por Marx e Engels" (Gil, 2008, p. 22).

A categoria de FSE diz respeito ao estudo da vida concreta de uma sociedade em seu tempo histórico e na sua dimensão espacial, ou seja, compreende a sua gênese e evolução, bem como as relações dos elementos que consubstanciam essa realidade, que é particular, mas somente é apreendida por meio da totalidade[2] (Saggiorato, 2021).

O setor moveleiro é um segmento tradicional da indústria brasileira e foi um dos primeiros setores a surgir. Atualmente, no Sul, apresenta-se como um dos setores mais dinâmicos da região e com destaque nacional. Para ilustrar, os estados do Sul concentram 50,34% do valor bruto da produção total (Ibge, 2021) e 43,03% dos empregos formais (Rais, 2021) no setor moveleiro do Brasil (Saggiorato, 2023).

Além da presente introdução e das considerações finais, o artigo divide-se em mais duas sessões: a primeira discute, rapidamente, aspectos da FSE do Sul do

[2] "O exercício de apreensão da totalidade é um trabalho fundamental e básico para a compreensão do lugar real e epistemológico que, dentro dela, têm as suas diferentes partes ou aspectos. Todavia, o conhecimento das partes, isso é, do seu funcionamento, de sua estrutura interna, das suas leis, da sua relativa autonomia, a partir disso, de sua própria evolução, constituem um instrumento fundamental para a o conhecimento da totalidade" (SANTOS, [1978] 2004, p. 141). Santos (1977, p. 6) afirma que "o dado global, que é o conjunto de relações que caracterizam uma dada sociedade, tem um significado particular para cada lugar, mas este significado não pode ser apreendido senão ao nível da totalidade".

Brasil, fundamental para esclarecer as circunstâncias nas quais emergiu a indústria moveleira; e o segundo item busca apontar as combinações geográficas que revelam a gênese do setor.

2 Comentários sobre a FSE do Sul do Brasil

Neste item, busca-se, de forma breve, apontar alguns elementos relacionados à FSE da região do Sul do Brasil, com o intuito de entender em que contexto histórico e geográfico emergiu um dos setores mais tradicionais e dinâmicos do Sul do país.

Inicialmente, faz-se alguns comentários sobre a categoria de FSE, um aporte teórico desenvolvido por Santos (1977). Essa categoria advém da ideia de "formação econômico-social[3] elaborada por Marx e Engels, e sistematizada por Lênin (1955)[4], para compreender o conjunto da história e o desenvolvimento de uma dada sociedade" (Espíndola *et. al*, 2016, p. 139).

> Partindo do pressuposto de que a noção de formação social está ligada à evolução de uma dada sociedade em sua totalidade histórico-concreta, Milton Santos demonstra que ela não pode ser tratada sem a noção de espaço geográfico, afinal este aparece tanto como produto quanto como uma condição da (re)produção social. Assim é que a noção adquire o *status* de formações históricas e geograficamente localizadas, isto é, formações sócio-espaciais (Espíndola e Silva, 1997, p. 62-63).

Segundo Sereni (2013, p. 315), a categoria marxista de formação econômico-social (FES) expressa a "unidade (e, agregaremos, a totalidade) das diferentes

[3] "Didaticamente, a formação social é uma realidade concreta, que nasce, evolui e muda historicamente de forma dialética. O econômico é composto pelas forças produtivas, isto é, pelas relações entre o homem e a natureza. O social articula as relações entre os homens (as relações de produção)" (Espíndola et. al, 2016, p. 139).

[4] Trata-se da Obra: 'Quem são os "amigos do povo" e como lutam contra os social-democratas'.

esferas: econômica, social, política e cultura da vida de uma sociedade; e a expressa, além disso, na continuidade e ao mesmo tempo na descontinuidade de seu desenvolvimento histórico". Milton Santos, a partir dessa categoria – que segundo este autor é o mais apropriado para contribuir na formação de uma teoria do espaço – desenvolveu a noção de Formação Sócio-Espacial. De acordo com Santos (1977, pp. 81-82), a categoria de FES

> [...] diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as formas externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta.

Uma FSE é uma dada realidade concreta que compreende a gênese e a transformação de uma sociedade na sua totalidade histórica e geográfica, "Pois a história não se inscreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social" (Santos, 1977, p. 81).

Considera-se essencial o uso dessa categoria frente à tarefa de decifrar a realidade concreta nas suas múltiplas determinações. Marx (2008, p. 258) afirma que "o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, a unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese".

> A FSE refere-se à análise da concreticidade de uma sociedade (compreendendo sua evolução, sua situação atual, sua mudança histórica e suas relações) sendo esta uma realidade histórico-concreta, geograficamente localizada (Bastos e Casaril, 2016, p. 278).

De acordo com os princípios do marxismo, o primordial é a realidade concreta, assim, apreender a totalidade traduz-se numa abstração dessa realidade. Ela apresenta-se com múltiplas determinações, que ao serem descobertas,

compreendidas e decifradas, amalgamam uma totalidade histórica, presente no pensamento como processo de síntese e que teve como de partida a própria realidade, e não o contrário.

Milton Santos entendia que a categoria de FSE dizia respeito à escala nacional. No entanto, Mamigonian (2005) defendeu a ideia de que essa categoria poderia ser trabalhada também a nível regional. Concorda-se com essa perspectiva, pois no interior da Formação Social brasileira, emergem diferenciações de âmbito regional, assim, ambas as escalas (regional/nacional) podem ser pesquisadas em conjunto, verificando como combinam-se e articulam-se dialeticamente.

> Assim, a questão regional no Brasil pode ser determinada e apreendida tendo a FSE como categoria de análise basilar. Esta categoria permite compreender as relações de produção e forças produtivas, em suas desiguais celeridades no processo de acumulação capitalista [...] (Bastos e Casaril, 2016, p. 282).

Nesse sentido o uso da categoria permite explicar a realidade de maneira holística, ou seja, significa "[...] a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzindo numa de suas frações" (Santos, 1977, p. 2)

Referente às etapas e processos de colonização do Sul do Brasil, podemos sintetizar que

> [...] foi somente a partir da fase expansiva do segundo ciclo longo da economia mundial (1848-73), sobretudo nos anos 40 do século XIX, que se estabeleceram definitivamente as colônias de povoamento no Sul do Brasil. Entre 1849 e 1874, o governo provincial estabeleceu cinco novas colônias nas encostas florestais da Serra Santa Cruz e de Santo Ângelo, ocupadas por imigrantes alemães. A obra colonizadora prosseguiu rumo ao oeste e estendeu-se de Torres até as proximidades de Santa Maria. Já os imigrantes italianos foram encaminhados, inicialmente, para as colônias de Caxias, Garibaldi e Bento Gonçalves, na encosta superior do Planalto, dominada pela mata de araucária. Tendo em vista a expansão das colônias

> italianas, no Planalto Oriental, o governo tratou de constituí-las ao norte do rio Taquari, Alfredo Chaves (1884) e Antônio Prado (1886). Em Santa Catarina, o processo colonizador surgiu em meados do século XIX, com a criação de duas colônias alemãs: uma nas terras da porção interior da baía de São Francisco, por iniciativa da empresa alemã Kolonisa-tionsverein von Hamburg (colônia Dona Francisca, de 1851), e outra implantada pelo Dr. Herman Blumenau, no médio vale do rio Itajaí-Açu (colônia Blumenau, de 1850). Nas primeiras décadas do século XX, efetivou-se definitivamente a colonização do Estado de Santa Catarina. Várias empresas de colonização — como a americana Southern Brazil Lumber and Colonizations Co, a Sociedade territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia (Caxias do Sul) e capitais comerciais do Rio Grande, dentre outras — intensificaram o comércio de terras no Oeste catarinense, retalhando-o em lotes de 10 a 30 ha, que seriam vendidos a descendentes de italianos e alemães do Rio Grande do Sul. Em virtude dos fatores naturais e históricos, a ocupação efetiva do Paraná teve seu início nos decênios de 70 e 80 do século XIX, com a constituição de colônias alemãs, polacas e italianas, na região mista de mato e campo (15 a 18 km de Curitiba), Ponta Grossa, Castro e Lapa (WAIBEL, 1988). No trecho ocidental, estabeleceram-se colônias em Prudentópolis e Guarapuava, em razão do aproveitamento das matas de araucária e da presença da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. No Norte do Estado, área tropical da Região Sul, as investidas foram feitas por paulistas e mineiros que, como fazendeiros (plantadores de café), lançaram as bases dos núcleos de Siqueira Campos, por exemplo. Nas áreas do planalto diabásico, o povoamento apresentou duas fases: a mais antiga decorreu da invasão cafeeira paulista, onde floresceram Jacarezinho (1900), Cambará (1904), Bandeirantes (1921) e Cornélio Procópio (1924); já a segunda proveio da concessão de glebas de terras por parte do governo estadual a particulares (Cia. de Terras Norte do Paraná), que constituíram núcleos como Londrina (1929) e Maringá (1944) (Espíndola, 2016, p. 720-722).

Especificamente sobre a FSE do Sul do Brasil, Espíndola (2016, p. 715) afirma que as ocupações[5] e as respectivas atividades econômicas por elas desencadeadas,

[5] "O processo de ocupação do Sul do Brasil foi resultado das diferentes investidas realizadas no século XVII (jesuítas espanhóis, Coroa portuguesa, bandeirantes e vicentistas), no século XVIII (açorianos) e no século XIX (outros imigrantes europeus). Em todas essas etapas, emergiram atividades econômicas como as estâncias feudais (reduções jesuíticas), a economia natural (vicentista), a economia latifundiária e a economia mercantil assentada na pequena produção" (Espíndola, 2016, p. 715).

manifestaram-se na eclosão de duas "[...] grandes macroformações: a primeira caracterizada pela criação de gado, nos campos e planaltos, e a segunda, pela pequena produção mercantil no litoral e nos vales atlânticos e do interior". A gênese do setor moveleiro se dá, sobretudo, via a segunda macroformação apontada pelo autor.

> Em síntese, verificou-se que a segunda etapa do processo de ocupação foi decisiva para a criação de uma nova estrutura econômica e social, a formação de uma pequena produção mercantil, que — ao lembrar o povoamento do nordeste dos EUA, no século XVII — foi um fator fundamental para a constituição de atividades variadas (pequenos comerciantes, pequenas oficinas, artesanatos, manufaturas, etc.), em contraste com as atividades desenvolvidas na área criatória dos campos e planaltos, e próximas daquelas desenvolvidas pela pequena produção açoriana-madeirense das áreas litorâneas (Espíndola, 2016, p. 722).

Foi nesse contexto da FSE do Sul brasileiro que surgiram as primeiras iniciativas relacionadas à produção de móveis. Surgia um excedente econômico possuído por pequenos produtores e comerciantes que investiam em outras atividades para além do setor agrícola, constituindo empreendimentos comerciais e indústrias nas áreas de urbanização recente, como será apresentado em alguns exemplos na sessão seguinte.

3 A gênese da indústria de móveis no Sul do Brasil

Depois de elencarmos alguns pontos sobre a categoria FSE e as principais características da ocupação e formação da região Sul do Brasil, – recorte espacial do texto – será exposto uma discussão dos fatores determinantes para a gênese e evolução da indústria moveleira, que de acordo com Kaesemodel (1990), se deu até o final dos anos 1960.

O surgimento e a expansão da indústria moveleira do Sul é marcada por algumas empresas de destaque, por exemplo em Santa Catarina com a Móveis Cimo, fundada em Rio Negrinho em 1913, a Rudnick e a Artefama de São Bento do Sul, fundadas respectivamente em 1938 e 1945. No Rio Grande do Sul a Indústria de Móveis Florense fundada em 1953 e a Móveis Carraro em 1961, ambas de Bento Gonçalves. Por fim, no Paraná destaque para a Simbal, que surgiu em 1968 (Abimóvel, 2004).

Como dito anteriormente, as condições de ocupação em determinadas porções territoriais do Sul permitiram a formação de capitais locais oriundos de um pequena produção mercantil que se desenvolveu na região[6]. Esses excedentes econômicos– frequentemente acumulados pelos imigrantes – foram fundamentais no investimento das primeiras iniciativas tipicamente capitalistas de produção moveleira, como por exemplo a Móveis Cimo e Móveis Rudnick, fundadas no Norte Catarinense no início do século XX.

Assim, esse tipo de ocupação do território influencia o seu próprio desenvolvimento

> Neste sentido, nível de renda desempenha importante papel para entender desenvolvimento regional e as diferenças entre centros urbanos. Áreas onde as atividades agropecuárias são realizadas mediante o predomínio de pequenos e médios estabelecimentos rurais, com forte densidade demográfica – articulados evidentemente à formação socioespacial que a criou – apresentam perspectivas de que a renda fundiária auferida no lugar, possa ser reinvestida em diversas atividades urbanas, sejam elas comerciais, industriais e prestadoras de serviços. Esta

[6] Como foi o caso em São Bento do Sul, que "[...] nasceu do movimento de ocupação, na segunda metade do século XIX, das áreas florestais do Nordeste de Santa Catarina, por imigrantes alemães e austríacos, expulsos da Europa pelo processo de empobrecimento e proletarização dos camponeses e, estabeleceram aqui uma sólida e pequena produção mercantil" (Kaesemodel, 1990, p. 9).

> tem sido uma das mais frequentes origens na implantação de unidades produtivas industriais no Sul do Brasil e interior de São Paulo, muitas das quais evoluíram para grandes empresas ou criaram especializações em determinados gêneros produtivos (Fresca, 2010, p. 122).

Ademais, é válido reforçar que "Essa estrutura social, do tipo pequena produção mercantil, ao reduzir o tempo gasto na economia natural, ampliava sua produção mercantil simples e, gradativamente, transitava para a constituição de uma atividade capitalista" (Espíndola, 2016, p. 728).

Conforme assinalou Mamigonian (1976) nos seus estudos sobre a industrialização de São Paulo, o papel dos imigrantes foi relevante, uma vez que

> [...] vivendo em seus países de origem, Grã Bretanha, Alemanha, Itália etc. dentro de estruturas econômico-sociais capitalistas plenas ou emergentes, tais imigrantes transplantaram estas mesmas estruturas nas regiões de destino. Os Europeus embarcaram para as referidas regiões com "o capitalismo em seus ossos", mesmo que não dispusessem de nenhum capital, mas apenas de iniciativa, habilidades especiais e engenhosidade (Mamigonian, 1976, p. 89).

Processo semelhante ocorreu no Sul, ou seja, esses imigrantes trouxeram um conjunto de relações sociais que, associado a outros fatores econômicos e políticos, contribuíram para a gênese do setor moveleiro na região. Nesse sentido, além disso, "[...] grande parte dos empresários imigrantes eram inicialmente "capitalistas sem capital" (Mamigonian, 1976, p. 91-92). Soma-se a esses condicionantes um fator natural importantíssimo, que foi a disponibilidade da madeira[7], como ocorreu com a Móveis Cimo.

[7] "A matéria prima utilizada a princípio era a imbuia, cedro, pinho e canela no seu estado maciço. Nos primeiros tempos eram compradas dos proprietários das circunvizinhanças em forma de toras ou matas que mantinham como reservas" (Santi, 1998, p. 159).

> A cultura do imigrante e a abundância na região de madeiras de boa qualidade foram fatores preponderantes aos investimentos realizados por Jorge Zipperer e Willy Yung na localidade onde foi construída a estrada de ferro Rio Negrinho – Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande. O povoado dessa região consistia nos trabalhadores que permaneceram após a construção da estrada de ferro e os habitantes desta localidade, antigo caminho de tropas do sul do país em direção do Paraná. A partir de 1913, término da construção da estrada de ferro, José Zipperer e Willy Yung, com o nome de Jung & Cia, iniciaram empreendimentos que vieram contribuir à formação da cidade de Rio Negrinho. Adquiriram na região de Santo 111 alqueires para montar uma serraria com maquinaria movida a vapor, importada da Alemanha. Em virtude da dificuldade com o transporte de madeiras, compraram uma área de 25.000 m à margem esquerda do Rio Negrinho e próxima à estrada de ferro, para onde mudaram a serraria e a fábrica de caixas; Nestas instalações teve início a Cia. Industrial de Móveis – Móveis CIMO S.A, em torno da qual se desenvolveu a cidade de Rio Negrinho (Santi, 1998, pp. 107-108).

No contexto da industrialização brasileira por substituição de importações – que se expandiu consideravelmente no pós Segunda Guerra Mundial - e das políticas econômicas que a impulsionaram, a indústria moveleira no Sul do Brasil se desenvolveu bastante, como mostrou Kaesemodel (1990) para o caso de São Bento do Sul.

Nos próximos parágrafos, será tratado mais detalhadamente desse caso catarinense, por conta da sua importância na gênese do setor moveleiro do Sul do Brasil.

> O atual parque industrial moveleiro de São Bento do Sul originou-se nas primeiras décadas deste século, fundamentado na existência de recursos naturais abundantes na região, sobretudo a araucária, aliado à habilidade do colono artesão marceneiro, imigrante europeu, radicado na área a partir de 1873, com a fundação da Colônia Agrícola São Bento. A presença da atividade de extração e beneficiamento da madeira e erva mate para exportação, contou como fator importante no processo industrial moveleiro (Kaesemodel, 1990, p. 6).

Segundo a mesma autora, a extração e exportação da madeira[8] propiciava, por um lado, o acúmulo de pequenas poupanças por parte dos colonos, por conta do seu trabalho de transporte (frete) por carga. Essa extração também propiciava montantes de rejeitos de madeira que eram aproveitados por artesãos como matéria-prima para produção de alguns móveis e utensílios em geral.

Ou seja, no final do século XIX surgiram as bases sociais para posterior aparecimento de estabelecimentos fabricantes de móveis. Como destaca Kaesemodel (1990), a gênese do capital é local e a empresa era administrada pela família. Esses primeiros empreendimentos possuíam características de produção artesanais, que foram mudando nas primeiras décadas do século XX e transformando-se em manufaturas, como o caso da Móveis Cimo[9] (1921) e Móveis Weihermann (1925)[10].

---

[8] Entre as espécies que possuíam um grande valo econômico, podemos citar "[...] a canela amarela (Nectandra lanceolata), canela fogo (Cryptocarya aschersoniana), canela preta (Ocotea catharinensis), peroba vermelha (Aspidosperma olivaceum) Credo, (Araucária angustifólia) e a erva mate" (Kaesemodel, 1990, p. 13).

[9] Kaesemodel (1990, p. 36) relata como se deu o surgimento da Móveis Cimo: "Nos idos de 1913 Jorge Zipperer e Willy Jung fundaram a primeira serraria a vapor na região, denominada Jung e Cia., na localidade de Salto, com equipamentos importados da Alemanha. Em 1918, a Jung e Cia. Perdeu um de seus sócios, o Senhor Willy Jung. Tomou o seu lugar o Senhor André Ehrl. Neste mesmo ano, a serraria e fábrica de caixas foram transferidas e passam a ocupar uma área junto à margem direita do Rio Negrinho, com o objetivo de se diminuir a distância entre o estabelecimento e a estação da Estrada de Ferro, principal via de escoamento da região. Jorge Zipperer, em 1919, consultou seu irmão Martin Zipperer, que possuía uma pequena oficina de Móveis em São Paulo, sobre o melhor aproveitamento dos rejeitos de imbuia. Martin Zipperer sugeriu que aproveitasse tal matéria-prima para a feitura de pés de cadeiras. Martin Zipperer incorporou-se ao negócio de seu irmão e mudou-se de São Paulo para Rio Negrinho, trazendo, além da experiência na produção de móveis, mão-de-obra especializada". Para ver mais detalhes sobre a família que deu origem a Cimo e a trajetória da empresa até a sua decretação de falência em 1982, ver Kormann (2005).

[10] Outro exemplo interessante foi o surgimento da Rudnik, ainda hoje uma das mais importantes indústrias moveleiras de Santa Catarina e do Brasil. "Em 1938, Lopoldo Edmundo Rudnick deu início a uma mercenária, instalada em pequeno galpão, localizado na Estrada da Serra, interior do município de São Bento do Sul. As máquinas eram movidas por tração animal" (Kaesemodel, 1990, p. 44).

> São Bento do Sul, segundo dados de que se dispõe beneficiou-se da conjuntura imposta pela exploração e comércio da madeira e erva-mate no período de expansão do ciclo longo 1896-1921, para, na fase depressiva – 1921-1948 – acelerar a produção de manufaturados, destinados a atender à demanda local e regional, substituindo importações (Kaesemodel, 1990, p. 36).

A Móveis Cimo, por exemplo, que depois viria a ser considerada a maior fábrica de móveis da América Latina durante anos, tinha uma espécie de "escola técnica" para preparar os profissionais. Além disso, muitas vezes também fabricava as máquinas utilizadas na produção (Kaesemodel, 1990).

> As poltronas de cinema CIMO foram, por décadas, o principal meio de lucro da empresa. Cinemas de todo Brasil compravam o produto para mobiliar suas salas. Os móveis da fabricante CIMO dominaram durante anos o mercado nacional de móveis para instalações comerciais e institucionais, com repercussão em diversos países da América Latina. Com um espírito claramente vanguardista, a Cimo antecipou muitas teorias do design, curiosamente, 20 anos antes da criação da primeira escola superior de desenho industrial no País, a ESDI, do Rio de Janeiro. Também foi uma das pioneiras no Brasil a utilizar o processo de curvar madeira por meio do vapor e a adotar uma máquina laminadora, capaz de produzir madeira compensada. Desde o início, e apesar das inúmeras mudanças de sociedade que fizeram parte da história da CIMO, a empresa sempre produziu sua própria matéria-prima. Possuía suas próprias máquinas, serrarias e técnicas para o tratamento da madeira (Makowiecky, Goudard e Henicka, 2021, p. 39-40).

A Cimo inovou na concepção de produtos, na utilização de matéria-prima e empregava tecnologias bastante avançadas para a época na produção seriada de móveis. A empresa também foi um marco para a introdução da produção seriada no Brasil (Santi, 1998).

Todavia, o desenvolvimento da indústria de móveis em São Bento se deu de maneira lenta, com oficinas e marcenarias de fundo de quintal, processo visualizado pelo menos até a Segunda Guerra Mundial. A partir de meados do século XX, o cenário é outro e ocorre: proliferação do número de empresas; reestruturação das

fábricas existentes (capacitação da mão-de-obra, absorção de novas tecnologias, ampliação dos mercados consumidores e novas fontes de matéria-prima – mogno e cerejeira - oriundas da Amazônia) (Kaesemodel, 1990).

Pode-se resumir a gênese e o desenvolvimento do setor moveleiro em São Bento do Sul da seguinte forma:

> [...] a atividade industrial moveleira em São bento do Sul, surgiu no final do século XIX e início deste. Teve como principais fatores a presença de colonos imigrantes europeus, radicados, na região, a partir da fundação da Colônia Agrícola São Bento em 1873. Eram dotados de habilidade técnica para trabalhar madeira, aliada à presença de recursos florestais abundantes (madeira) e ao acúmulo dos rejeitos de matérias-primas, que passam a ser aproveitadas pelas próprias serrarias e por pequenas oficinas de marcenarias de fundo de quintal. A atividade mercantil regional e internacional, ligada à atividade de extração e beneficiamento da madeira e da erva-mate, foi fator determinante na geração de uma infraestrutura e no aumento do poder aquisitivo da população trabalhadora braçal e no consequente aumento do consumo de manufaturados. Até o período da segunda Guerra Mundial a atividade moveleira em São Bento do Sul desenvolveu-se timidamente [...]. A partir de meados dos anos 40, multiplicaram-se as indústrias moveleiras em decorrência da disponibilidade de mão-de-obra experiente e de pequenos capitais para investimento, além das condições favoráveis do pós-guerra. Após a reativação da economia brasileira de 1968-73, observa-se a proliferação dos estabelecimentos e a reestruturação dos já existentes. Pode-se dizer que a indústria moveleira, a partir dos anos 70, apresentou avanços tecnológicos significativos, destacando-se a introdução de secagem artificial das madeiras em substituição aos pátios de secagem natural que exigem considerável capital, para manutenção do estoque de madeira. A introdução de estufas de secagem melhora os parâmetros de qualidade da matéria-prima, gerando produtos de alta qualidade, em condições de competirem no mercado nacional e internacional (Kaesemodel, 1990, p. 122-123).

Interessante também destacar a questão do maquinário utilizado nos primeiros empreendimento do setor. Segundo Santi (1998 p. 105) citando o Diário Catarinense (1998), as máquinas, salvo quando não importado da Alemanha, eram

> [...] produzidas nas próprias fábricas. Estas produções caseiras contavam com o apoio das diversas ferrarias instaladas no município. As rodas d'água foram a força motriz para muitas marcenarias. Também era utilizada a força animal para girar engenhos feitos de madeira que moviam serras, furadeiras e tupias. Máquinas movidas a eletricidade só foram usadas quando foi instalada a primeira usina geradora de energia a vapor.

As regiões do Sul que mais se destacam hoje na produção de móveis são: Nordeste Rio-Grandense – Bento Gonçalves e Caxias do Sul; Norte Catarinense – Rio Negrinho e São Bento do Sul; Norte Central Paranaense – Arapongas, Sabáudia; e Oeste Catarinense – Caçador, Chapecó, Mondaí etc. Destas, pode-se dizer que as duas primeiras tiveram uma gênese pioneira na região, enquanto as duas últimas foram "tardias". No Oeste Catarinense, por exemplo, a gênese do setor ocorreu de maneira semelhante de Bento G. e São Bento do Sul, porém, décadas depois.

> Estimuladas pelos excedentes populacionais das velhas colônias italianas e alemães do Rio Grande do Sul, formaram-se grandes companhias colonizadoras que lotearam o vale do Peixe e o Oeste catarinense em moldes capitalistas, com cidades, chácaras e colônias previamente demarcadas. O pequeno comércio colonial export-import deu origem a empresas de várias atividades, aproveitando os produtos primários regionais (Mamigonian, 1964, p. 36).

Na região do Norte Central Paranaense, de acordo com campo realizado em Arapongas em fevereiro/2024, o setor moveleiro se desenvolveu estimulado por duas geadas que destruíram as plantações de café na região, forçando tanto o poder público quanto os capitais privados a buscarem novas alternativas, sendo a indústria de móveis uma opção que vingou, a partir de duas empresas que já existiam no município.

Das regiões produtoras de móveis do Sul, a região Norte do Paraná, onde localiza-se Arapongas é a que constituiu-se mais recentemente, com empresas surgindo a partir do final dos anos 1960. Houve uma composição ampla de imigrantes,

com papel colonização japonesa, italiana, poloneses etc e ainda de catarinenses e gaúchos (Cunha, 2007).

Desta forma, a acumulação de excedentes econômicos advindos de atividades agrícolas e comerciais, somado ao preparo técnico dos imigrantes e ainda a disponibilidade de madeira, possibilitou iniciativas e investimentos industriais nos setores madeireiros. Não se pode esquecer, é claro, do papel do Estado brasileiro, por exemplo no incentivo dessa colonização e na construção de infraestruturas (rodovias, ferrovias etc.).

Já em uma fase de evolução, foram fatores decisivos para o crescimento da indústria de móveis no Sul a expansão da capacidade produtiva das empresas fundadas nas décadas de 1960 e 1970 e a iniciativa de governos municipais e estaduais em avanços na área de recursos humanos e capacitação técnica (Cunha, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da indústria de móveis no Sul e no Brasil deve ser posto no contexto do nosso processo de industrialização, acompanhado da urbanização, que fez aumentar sobremaneira a demanda por moradias, além do aumento exponencial de atividades comerciais, administrativas etc. que impulsionaram o crescimento do segmento de móveis para escritório, antes praticamente inexistente.

Conclui-se, a partir do texto, que as combinações geográficas (Cholley, 1964) ou múltiplas determinações (Marx, 2008) presentes no Sul do Brasil foram determinantes para o surgimento do setor moveleiro, por conta, de um lado, de fatores de ordem natural, principalmente da oferta abundante da madeira (imbuia, jacarandá, cedro, etc.), associada a fatores humanos, como a presença de imigrantes

europeus – providos de habilidades e conhecimentos técnicos para o trabalho com a madeira e com uma certa acumulação de excedente advindo da pequena produção mercantil (Kaesemodel, 1990; Santi, 1998) - incentivada em grande medida pelo Estado brasileiro desde meados do século XIX, que também forneceu infraestruturas necessárias.

Também é relevante mencionar o fato de que por um longo período, a proximidade com as matérias-primas (a madeira no caso dos móveis) era um fator determinante no surgimento e na competitividade de determinados setores e empresas. Com o avanço da técnica, isto é, de novos estágios de domínio da natureza pelo homem e com a industrialização, deixou de ser um fator preponderante e sim secundário, sendo hoje o capital o mais importante.

Nesse contexto, discutir a gênese desse setor é de suma importância para entender sua dinâmica contemporânea e explicar a concentração e predominância das empresas do Sul do Brasil. Ademais, esse estudo ainda pode contribuir para o debate do desenvolvimento regional, no sentido das externalidades proporcionadas pela industrialização e dos seus impactos na configuração socioeconômica regional.

Por fim, argumenta-se que a história do setor moveleiro no Sul do país percorreu um caminho de relativo êxito, no sentido de alcançar grande dinamismo socioeconômico, o que ocorreu, evidentemente, no contexto da industrialização brasileira, das infraestruturas construídas pelo Estado e do crescimento de outros setores produtivos. Atualmente, o setor cumpre um papel relevante no desenvolvimento regional do Sul do Brasil, porém, enfrenta desafios como: necessidade de adensamento de alguns elos da cadeia produtiva (design, máquinas

e equipamentos, acessórios e peças etc.); existência de capacidade ociosa; instabilidades da economia nacional, entre outros.

Referências

ABIMÓVEL. *Panorama da indústria brasileira de móveis*. São Paulo, 2004.

BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos Cassemiro. A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. *Geosul*, Florianópolis, v. 31, n. 62, p 271-298, jul./ago. 2016.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 179, p. 139-145, Rio de Janeiro, 1964.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.

CUNHA, José Idaulo. *Governança, internacionalização e competitividade de aglomerados produtivos de móveis no Sul do Brasil, Portugal e Espanha*. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2007.

ESPÍNDOLA, Carlos José; SILVA, Marcos A. Formação Sócio-Espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas). *Experimental*, nº 3, p. 61-67, setembro, 1997.

ESPÍNDOLA, Carlos José. As duas macroformações socioespaciais do Sul do Brasil na gênese da indústria de carnes. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 715-738, dez. 2016.

ESPÍNDOLA, Carlos José. *Et. al.* Formações Socio-Espaciais: Progresso Técnico no Espaço Urbano e Agrário. *Revista da ANPEGE*, p.137-161, V.12, n.18, especial GT ANPEGE, 2016.

FRESCA, Tânia Maria. Rede Urbana e Divisão Territorial do Trabalho. *Geografia (Londrina)* v. 19 n. 2, 2010.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Altas, 2008. 6ª ed.

KAESEMODEL, Maria Salete Munhoz. *A indústria moveleira em São Bento do Sul-SC*. 1990. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

KORMANN, José. *O Tronco Zipperer*. Blumenal-SC: Nova Letra, 2005,

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Baetriz e HENICKA, Marli. *Museu da Escola Catarinense da UDESC e outros Museus do Mundo:* memória e história visual. Florianópolis: UDESC, 2021.

MAMIGONIAN, Armen. Vida Regional em Santa Catarina. *Revista Orientação*. Nº 2, USP, 1964.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*. Pág. 63 – Julho - Setembro de 1965.

MAMIGONIAN, Armen. O Processo de Industrialização em São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia.* Nº 50, março de 1976.

MAMIGONIAN, Armen. *Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico*. 2005. 266 f. Tese (livre-docência) – Departamento de Geografia, FFLCH - USP, São Paulo, 2005.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política.* Tradução de Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, [1859] 2008. 432p.

SAGGIORATO, Bruno. *Dinâmica geoeconômica da indústria em Ampére-PR*. 2021. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2021.

SAGGIORATO, Bruno. Dinâmica Geoeconômica da Indústria de Móveis no Brasil Pós Anos 2000. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 42, 2023.

SANTI, Maria Angélica. *Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil.* A experiência: Móveis CIMO S/A. 1998. 175f. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 54. São Paulo, junho, 1977.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6ª edição. São Paulo: USP, [1978] 2004.

SERENI, Emilio. DE MARX A LÊNIN: a categoria de "formação econômico-social". *Meridiano*, nº 2. Buenos Aires, 2013.